

COMBATE EM LOCALIDADES

Pelo Major AUGUSTO MAGESSI

SEGUNDA PARTE

ATAQUE DE LOCALIDADES

A — EXPOSIÇÃO TEÓRICA:

§ 1.º — CONCEPÇÃO DE CONJUNTO DA MANOBRA:

- Combinação de ataque frontal com desbordamento.
- Processo de desbordamento.

§ 2.º — EXECUÇÃO DA MANOBRA:

- Ação Frontal.
- Desbordamento.

§ 3.º — TRAÇADO DE ZONAS DE AÇÃO.

§ 4.º — EMPREGO DE CARROS DE COMBATE

§ 5.º — AUXÍLIO PRESTADO PELAS OUTRAS ARMAS À INFANTARIA:

- Artilharia.
- Engenharia.

B — DEMONSTRAÇÃO:

Anexo N. I : CASO CONCRETO — Ataque à Cidade de CRAVINHOS.

Anexo N. II: CASO VIVIDO — Ataque a CARENCY
(9-12 de Maio de 1915).

COMBATE OFENSIVO

§ 1.º — CONCEPÇÃO DE CONJUNTO DA MANOBRA

Completamos o estudo deste caso particular do combate, considerando o outro aspecto da situação: O ATAQUE DE LOCALDADES.

Estabelece o R. E. C. I. — 2.^a parte — N.^o 673: — “Deve-se operar tanto quanto possível, por desbordamento ou então por envolvimento, combinando a manobra de flanco com o ataque a um ponto da orla”.

O R. I. Francês — 2.^a parte — N.^o 474, diz a mesma cousa, porém não alude a um ponto da orla, e sim, à própria orla.

Quer dizer, os regulamentos preceituam: UMA AÇÃO DE FLANCO (torneante, e se possível, envolvente); UMA AÇÃO DIRETA contra a orla frontal.

Ora, se a ação de TORNEAR ou então de ENVOLVER é hoje em dia de uso corrente e perfeitamente compreensível, o mesmo se não dá com a AÇÃO DIRETA CONTRA A ORLA FRONTAL.

E nós transcrevemos aqui, na íntegra, as palavras do Ten.-Cel. Desré, a este respeito:

“Personnellement, dans tous les exercices auxquels nous avons pris part, et chaque fois que le cas concret étudié comportait l'attaque d'une localité, à la question posée devant nous: “Comment concevez vous l'attaque de cette localité?”, nous avons toujours entendu la même réponse: “Je la déborde”.

Entretanto, se considerarmos o adversário instalado defensivamente e bem abrigado numa localidade, disposto a se bater com a tenacidade exigida em caso tal, compreenderemos sem dificuldade que o só DESBORDAMENTO não conduzirá a uma DECISÃO IMEDIATA; será necessário,

simultaneamente, FIXAR a defesa inimiga na ORLA FRONTAL DA LOCALIDADE.

A vantagem deste processo é evidente; porque, uma vez sujeito ao duplo perigo NA FRENTE e NO FLANCO ou NOS FLANCOS, não poderá o inimigo, com facilidade, rocar seus MEIOS DE FOGO de um lado para outro; terá sua atenção dividida e, sobretudo, não manterá NIVEL MORAL comparável ao que teria se o ataque se manifestasse d'uma só direção.

Numerosos casos vividos na Grande Guerra serviram para confirmar esta asserção.

(Um exemplo: o ataque de CARENCY pela 70.^a D. I., em Maio de 1915).

Assentado assim, o processo de ataque, vejamos agora, em particular, como se executa e qual o fim do DESBORDAMENTO.

1.^º) Em primeiro logar, como definir o DESBORDAMENTO? E' um MOVIMENTO TÁTICO, progressão além da frente ocupada pelo inimigo, ameaçando seus flancos e, se possível, suas retaguardas, de modo a colocá-lo em situação delicada para se manter em suas posições.

2.^º) Qual o seu fim? Abalar o moral do defensor das orlas e do interior da localidade.

Este movimento, porém, — repetimos — por si só não conduz à decisão imediata; E' PRECISO COMBINÁ-LO COM O ATAQUE FRONTAL (A AÇÃO DIRETA) PARA, EM DEFINITIVO, FORÇAR O INIMIGO, OU A SE RENDER OU A BATER EM RETIRADA.

3.^º) Em que consiste o processo de DESBORDAMENTO, isto é, qual o modo de executá-lo no ataque de localidades? Deve obedecer ao quadro abaixo:

PROCESSO DE DESBORDAMENTO
COMPREENDENDO:

Cobertura pelo terreno

Variável com a configuração do terreno nos arredores da localidade. Consiste na utilização de CAMINHAMENTOS FAVORÁVEIS, permitindo à infantaria encarregada do desbordamento, atingir sem perigo o flanco do inimigo e atuar pelo fogo a curta distância (450 m. no máximo) contra a orla desbordada e o ponto de apoio da retaguarda.

Condições a satisfazer por 1 caminhamento:

- 1.ª Não ser de DIREÇÃO muito diferente com relação ao traçado da orla lateral a desbordar;

Cobertura pelo fogo

Consiste em se aplicar na orla lateral a ser torneadada, uma POSSANTE NEUTRALIZAÇÃO.

Uma vez neutralizadas as armas automáticas que protegem os flancos da defesa inimiga, far-se-á a PROGRESSÃO COM MEIOS DE FOGO A CURTA DISTÂNCIA DAS ORLAS LATERAIS, ameaçando diretamente e de perto, o defensor.

Esta ação de fogo, bem entendido, nem sempre dá resultado absoluto.

2.^a Estender-se ao longo da orla ou conduzir à sua proximidade (300 a 450 m. no máximo) (1).
No esquema anexo, tirado do trabalho do Ten.-Cel. **Decré**, temos:

Na fig. 1 — um exemplo de caminhamento divergente e inutil;

Na fig. 2 — pelo contrário, um caminhamento favorável a uma ação desbordante, porque permite à Inf. chegar sem grande perigo no flanco, até a região A. e dai atuar pelo fogo.

Frequentes foram na G. Guerra, os casos em que uma só arma automática intacta ou mal neutralizada, foi suficiente para deter unidades inteiras.

De qualquer maneira, porém, devemos convir que o emprego das a. a. de longe, a 1.500 ou 2.000 m. da ORLA DA LOCALIDADE ocupada pelo inimigo, torna o desbordamento quasi inutil. E' preciso efetuá-lo mais perto possível da ou das orlas.

(1) Distância correspondente ao alcance útil do moderno lança-granadas.

A SIMPLES INSPEÇÃO DA FIG. 2, faz-nos concluir que no DESBORDAMENTO, a COBERTURA PELO TERRENO e a COBERTURA PELO FOGO se completam; pois, se assim não fosse, os órgãos de fogo inimigos de flanqueamento exterior (caso da S. M. 6 que enfa o caminhamento favorável) impediriam toda progressão. A região A, que proporciona posição vantajosa para se atuar eficazmente contra a orla inimiga depois de torneada, deve, sem dúvida alguma, materializar o OBJETIVO MÍNIMO para a unidade de infantaria encarregada do desbordamento da localidade.

Enfim, para firmar CONCEPÇÃO DE DESANDAMENTO mas, nem por isso estabelecer DOUTRINA, lembramos que, embora os caminhamentos favoráveis sejam frequentes nas operações ofensivas e portanto aconselhem o desbordamento, casos há, de certo particulares, em que O TERRENO DESFAVORAVEL, impede ESTE RECURSO TÁTICO.

§ 2.º — EXECUÇÃO DA MANOBRA

Como vimos no § 1.º, a MANOBRA CONSISTE na combinação de duas ações, tanto quanto possível simultâneas:

— UMA AÇÃO FRONTAL e UMA AÇÃO TORNEANTE, sendo que esta é de AMPLITUDE VARIÁVEL com as facilidades oferecidas pelo terreno e, em todos os casos, compreende uma progressão de ELEMENTOS DE INFANTARIA ao longo de uma ou das duas orlas laterais da localidade atacada.

I — AÇÃO FRONTAL

No quadro da manobra, a ação frontal consiste, para o assaltante, em:

1.º — TOMAR PÉ NA ORLA FRONTAL; isto é, “MORDER” a localidade, de maneira a conseguir o primeiro objetivo da operação: FIXAR O INIMIGO.

2.^º — ATRAVESSAR RAPIDAMENTE a localidade, — alheando-se, se possível aos redutos interiores, e SE APoderar DAS SAÍDAS OPOSTAS afim de repelir pelo fogo todo contra-ataque vindo do exterior.

3.^º — Proceder à limpeza da localidade, fazendo cair os REDUTOS INTERIORES.

1.^º e 2.^º — O ataque direto, sendo muito penoso para infantaria, deve ser executado com o MÍNIMO de meios DESTA ARMA, o MÁXIMO de ação DE FOGOS da artilharia e, sempre que possível, com AUXÍLIO DOS CARROS.

Uma vez empolgada a orla da localidade, o assaltante tem contra si dois perigos:

- um, de CONTRA-ATAQUES IMEDIATOS executados pelos pelotões de reserva dos Pontos de Apoio das orlas;
- outro, de CONTRA-ATAQUE PREPARADO pelas reservas exteriores.

— Para repelir os CONTRA-ATAQUES IMEDIATOS, guardam-se as VIAS DE ACCESSO com FRAÇÕES DE INFANTARIA PREVIAMENTE DESIGNADAS, dentre as que tenham tomado parte no ataque à orla.

— Para deter os CONTRA-ATAQUES VINDOS DO EXTERIOR (vide quadro da manobra), OUTRAS FRAÇÕES receberão a missão DE GANHAR SEM PERDA DE TEMPO A ORLA POSTERIOR DA LOCALIDADE ou uma cortadura importante (caso a localidade seja de grande extensão), — evitando quanto possível as resistências intermediárias impostas pelos redutos interiores, — e aí se instalar creando um sistema de FOGOS que impeça o desembocar dos pontos de apoio da retaguarda.

DA PRESTEZA COM QUE A INFANTARIA ASSALTANTE ATINGE A ORLA POSTERIOR e aí se aferrar, depende o bom exito da operação. Este TEMPO é, entretanto, dos mais penosos para esta arma que, não obstante valer-se

de seus próprios fogos e do das armas irmãs, não está livre DAS CILADAS E DOS FOGOS DOS REDUTOS INTERIORES.

3.^o — Finalmente, DESDE QUE O ASSALTANTE TE-NHA SE APODERADO DE TODAS AS SAÍDAS DA LOCA-LIDADE, OUTRAS UNIDADES, TAMBEM PREVIAMENTE DESIGNADAS começarão a LIMPEZA da localidade, cujo OBJETIVO é fazer caír os REDUTOS INTERIORES. Por vezes os carros fazem o sitio de casas organizadas. NESTA FASE origina-se, propriamente, o terrível COM-BATE DE RUAS.

Apoiadas sempre que possível pelos carros, as pequenas unidades de infantaria procuram ganhar os CRUZAMENTOS e PRAÇAS.

Evitam as ruas muito estreitas.

Progridem em colunas por um, ao longo das casas, de ambos os lados das ruas, os homens de um lado vigiando as janelas e saídas do lado oposto. Os carros avançam pelo meio das ruas. ARMAS AUTOMATICAS (em geral F.M.) fazem a proteção das pequenas colunas, efetuando a neutralização sistemática das janelas.

Desde que uma resistência mais seria se apresente, por exemplo, uma "barricada", evita-se o fogo dos defensores e se procura neutralizá-lo pelo das armas automáticas, morteiros, lança granadas e, se for o caso, da artilharia de acompanhamento imediato. (1) Ao mesmo tempo, pequenas unidades auxiliadas por sapadores de Engenharia ou de Infantaria, progridem através das casas, se necessário abrindo brechas nos muros e cercas, nas paredes, por maneira a lançar o adversário do flanco ou de vez.

(Vide R.E.C.I. — 2.^a Parte — n. 673)

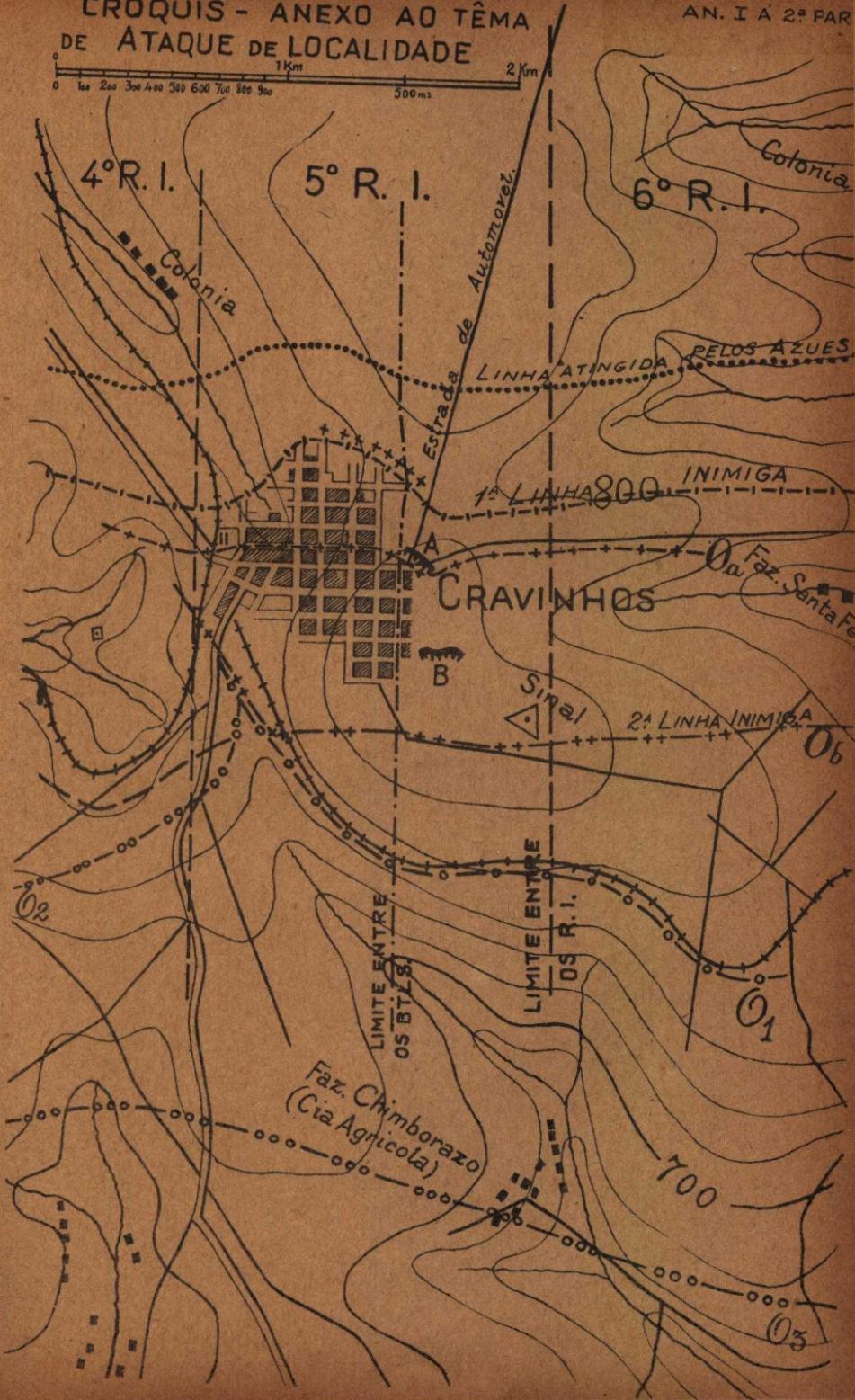
(Vide R.I.F. — 2.^a Parte — n. 477).

Os defensores dos muros das casas, dos abrigos, são reduzidos a granada sufocante ou incendiária.

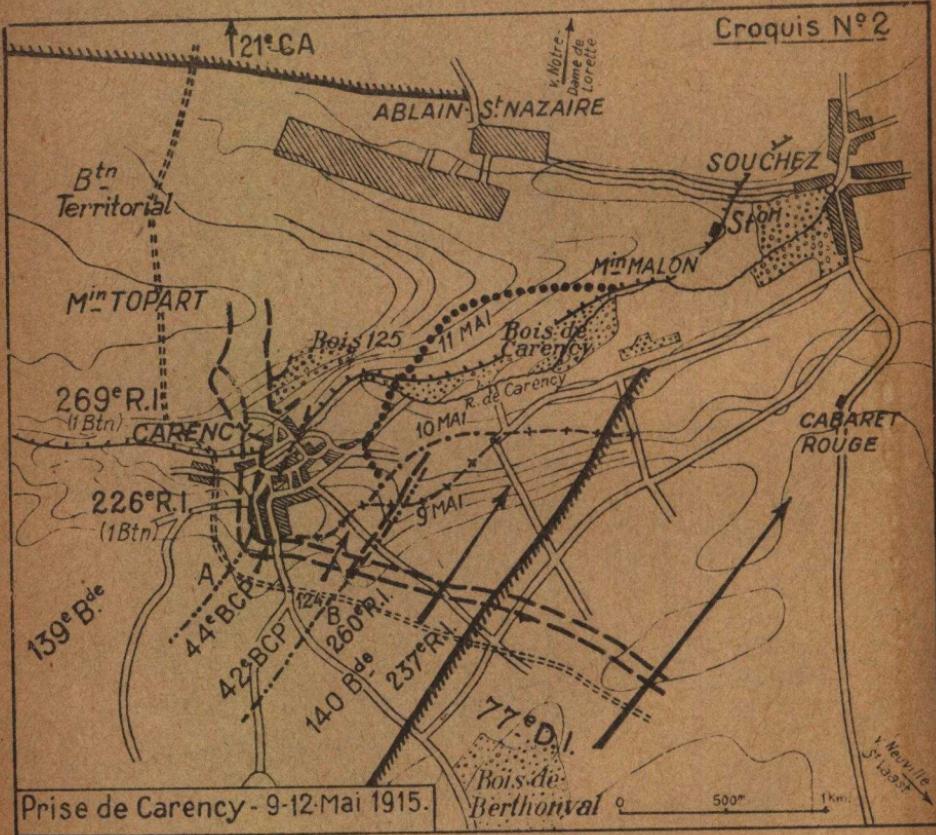
(1) Isto no caso em que o R. I. não disponha, organicamente, dum Bateria de Canhões de Infantaria.

CROQUIS - ANEXO AO TEMA
DE ATAQUE DE LOCALIDADE

AN. I A 2º PAR



Croquis N°2



Em certos casos, NUCLEOS DE RESISTENCIA PARTICULARMENTE TENAZES, empregam-se a MINA e o CA-NHÃO no tiro ao alvo, vista direta.

Ao cair da noite, mesmo que a limpeza não esteja terminada interrompe-se o combate para continuá-lo no dia seguinte.

DURANTE TAL OPERAÇÃO O EXERCÍCIO DO COMANDO DIFICILMENTE SE MANTEM.

O SUCESSO depende dos comandos subordinados, EM PARTICULAR, os COMANDANTES DE PELOTÃO.

São, na verdade, os subalternos que dirigem a luta no interior da localidade. E a REPARTIÇÃO DAS MISSÕES não deve ir abaixo deste escalão, sob pena de dissociar a infantaria e causar balbúrdia. Cada sub-unidade (Pelotão pelo menos) recebe um eixo de progressão bem definido (orla lateral de rua).

Os COMANDANTES DE COMPANHIA, ULTIMO ESCALÃO DE COMANDO que poderá seguir de perto o combate, limitam sua AÇÃO TÁTICA À MANUTENÇÃO E AO RESTABELECIMENTO DAS LIGAÇÕES e da ordem, aproveitando ruas transversais e praças.

(R. E. C. I. — 2.^a Parte — n.^o 674)

(R. I. F. — 2.^a Parte — n.^o 478).

O COMANDANTE DE BTL., apenas pode — construir NO EXTERIOR DA LOCALIDADE, a uma distância media, segundo o terreno, de 200 a 300 metros, uma FORTE RESERVA, pronta, seja para reforçar, seja para acolher as frações empenhadas no interior e limitar o recuo. Disposta na distância acima citada, esta RESERVA PODE INTERVIR eficazmente PELO FOGO contra a orla frontal, ao mesmo passo que se mantém livre das flutuações da luta travada no interior da localidade. Pode, enfim, completar a limpeza, em caso de sucesso.

Finalmente, o escalão de comando acima do Btl., que nada pode fazer DURANTE A EXECUÇÃO DO ATAQUE À LOCALIDADE, tem papel capital a desempenhar, ANTES MESMO, na sua PREPARAÇÃO.

Esta comprehende:

- ESTUDO minucioso da planta, da forma, da situação, modo de construção e dimensões da localidade e de fotografias;
- PREVISÕES JUDICIOSAS quanto aos apoios a pedir aos carros e à artilharia;
- DISPOSIÇÕES A TOMAR APÓS A CONQUISTA DA LOCALIDADE, conforme a progressão se limite à tomada da mesma ou deva ultrapassá-la.

No primeiro caso, tais disposições são idênticas às já estudadas na primeira parte, sobre defesa de localidades.

No segundo caso, “deve-se deixar na localidade uma PEQUENA GUARNIÇÃO, “PARA EVITAR QUALQUER SURPRESA proveniente da existência de subterrâneos ou abrigos que não tenham sido suficientemente inspecionados”. (R. E. C. I. — 2.^a Parte — n.^o 674).

II — DESBORDAMENTO (1)

Já vimos que o DESBORDAMENTO PARA DAR BOM RESULTADO, EXIGE NEUTRALIZAÇÃO EFICAZ E DURAVEL DOS ORGÃOS INIMIGOS DE FLANQUEAMENTO EXTERIOR.

O estudo desta ação deve ser feito como se segue:

(1) Em bom português: TORNEAMENTO.

DESBORDAMENTO

- DESBORDAMENTO**
- { Proteção e apoio do desbordamento feita pelos seguintes MEIOS:
- 1.º — ARTILHARIA (Ação que será tratada mais adiante).
 - 2.º — BASE DE FOGOS DE INFANTARIA (compreendendo a.a., canhão de Inf. e Morteiros) que, de sua POSIÇÃO INICIAL ou de outras a conquistar em seguida, terá como MISSÃO PRINCIPAL fazer a NEUTRALIZAÇÃO MACISSA dos órgãos de flanqueamento exterior inimigos. Atuará também como BASE DE FOGO LATERAL, contra pontos suspeitos da orla e engenhos anti-carros que se revelem.
 - 3.º — CARROS (Ação a tratar mais adiante em parágrafo especial).

DESBORDAMENTO

Execução propriamente dita do desbordamento

- A unidade de infantaria designada, depois de ter tomado pé na ORLA LATERAL sob a proteção dos carros que até então a tenham precedido como no ataque frontal, — progride ao longo desta ORLA LATERAL ESCALONADA PARA O LADO DA LOCALIDADE, com o triplo objetivo de:
- 1.º — REPELIR TODA AÇÃO DE SURPRESA vinda do interior (por exemplo, contra-ataques imediatos) e atingir, sem perda de tempo, no mínimo, uma faixa correspondente ao prolongamento lateral da orla posterior da localidade);
 - 2.º — FACILITAR a tarefa das unidades engajadas no ATAQUE FRONTAL;
 - 3.º — MANTER AS SAIDAS, À PROPORÇÃO QUE SÃO CONQUISTADAS.

O Cmt. da unidade, Cia. ou Btl., constitue sempre uma reserva que se desloca bem junto a si, em vista de atender aos imprevistos ou de manobrar resistencias tenazes.

§ 3.^º — TRAÇADO DAS ZONAS DE AÇÃO NO ATAQUE DE LOCALIDADES

Em virtude dos processos de execução do ataque, os LIMITES ENTRE UNIDADES NÃO DAVEM PASSAR RENTE AS ORLAS LATERAIS.

Quer dizer, a zona de ação da unidade que ataca uma localidade deve englobar o terreno dos arredorss onde se supõe a existência de orgãos de flanqueamento exteriores da defesa.

Além disso, — como na defensiva, — é sempre vantajoso encarregar uma só unidade do ataque a uma localidade.

Se a extensão da localidade exige que a operação seja confiada a duas unidades (dois batalhões, por exemplo), ainda neste caso, o LIMITE ENTRE ELES NÃO DEVE PASSAR RENTE DE UMA ORLA LATERAL; pelo menos uma FAIXA DE LOCALIDADE abrangendo esta orla, e mais o terreno de desbordamento, deve ser confiada a uma das unidades, sendo o limite traçado no interior da localidade, levadas em conta as ruas.

§ 4.^º — EMPREGO DOS CARROS NO ATAQUE DE LOCALIDADES

Os carros INTERVÊM em proveito da infantaria tanto na AÇÃO FRONTAL, quanto na AÇÃO DESBORDANTE. Suas MISSÕES são definidas como se segue:

EMPREGO DOS CARROS DE COMBATE

a) Na ação frontal (missões)

b) Na ação desbordante (missões)

- | | |
|--|--|
| <p>1.º — PERMITIR ao assaltante tomar pé na ORLA FRONTAL, precedendo-o na chegada a esta orla;</p> <p>2.º — ACOMPANHAR as frações de infantaria encarregadas da ocupação rápida das saídas opostas, se necessário FORÇANDO AS PASSAGENS DIFICEIS;</p> <p>3.º — PARTICIPAR da limpeza, neutralizando órgãos ativos dos redutos interiores ou constituindo escudo contra o seu fogo. (Esta última missão é de caráter eventual).</p> | <p>1.º — Permitir à unidade encarregada do desbordamento, TOMAR PE' NA ORLA LATERAL; em seguida, APOIA-LA e PROTEGE-LA durante a progressão ao longo desta orla;</p> <p>2.º — ABAFAR (eliminar) DESDE O INICIO OS ORGÃOS DE FLANQUEAMENTO EXTERIORES, com o fim de COMPLETAR O TAR O TRABALHO FEITO PELA ARTILHARIA durante a progressão e conseguir assim uma NEUTRALIZAÇÃO EFICAZ E DURAVEL.</p> |
|--|--|

Por sua vez À INFANTARIA, cabe o dever imperioso de PROTEGER A TODO INSTANTE OS CARROS que atuam em seu proveito.

Esta proteção consiste:

- em atuar, POR PRIORIDADE, com suas BASES DE FOGOS contra as armas anti-carros que se revelem (caso da progressão dos carros no exterior da localidade);
- em auxiliá-los nas passagens dificeis de OBSTACULOS ACUMULADOS (caso da progressão dos carros no interior da localidade).
- (Embora a nossa organização ainda não cogite dos modernos carros de combate, continuamos com objetivo de instrução, à maneira da nossa conferência, "A infantaria e os

carros", feita no C. I. M. M., a fazer a hipótese de se contar com CARROS LEVES e CARROS MEDIOS (estes de maior poder combatente).

Nesta hipótese, o emprego util dos dois tipos será o seguinte:

CARROS — para atuar no interior e no exterior das localidades.

CARROS MEDIOS — para atuar no exterior:

- contra os órgãos de flanqueamento exteriores;
- para dominar os PONTOS DE APOIO da retaguarda;
- para dificultar ou deter a partida de contra-ataques tentados pelas reservas exteriores do inimigo.

§ 5.º — AUXILIO QUE AS OUTRAS ARMAS PRESTAM À INFANTARIA NO ATAQUE DE LOCALIDADES

I — ARTILHARIA

Limitamo-nos à exposição dos pedidos expressos ao artilheiro pelo infante encarregado do ataque.

Atuar contra:

PEDIDOS ED FOGOS FEITOS AO ARTILHEIRO PELO INFANTE ENCARREGADO DO ATAQUE A UMA LOCALIDADE

1.º) — Durante a preparação do ataque

- as ORLAS FRONTAL E LATERAIS, visando em particular as SAÍDAS, os SALIENTES e sobretudo os REINTRANTES no fundo dos quais encontram-se geralmente órgãos de flaqueamento ocultos às vistas das bases de fogos;
- os GRUPOS DE CASAS que circundam as PRAÇAS e os CRUZAMENTOS importantes, onde é comum a existencia de REDUTOS INTERIORES;
- os ORGÃOS DE FLANQUEAMENTO exterior, quando referidos com aproximação suficiente;
- certos OBSERVATÓRIOS NAS PROXIMIDADES da localidade.

- 1.^º — ANTES DA INFANTARIA PENETRAR NA LOCALIDADE, atuar:
 — os REINTRANTES, OS SALIENTES, as SAÍDAS e principalmente AS ARMAS ANTI-CARROS assinaladas (neutralização) de maneira a COBRIR A PARTIDA e a PROGRESSÃO DOS CARROS até a orla frontal.
- 2.^º — UMA VEZ A INFANTARIA ENGAJADA NA LOCALIDADE (1) atuar contra:
 — os PONTOS DE APOIO DA RETAGUARDA da defesa e as ZONAS SUPOSTAS DA RESERVA EXTERIOR, afim de dificultar a partida de contra-ataques. (R.E.C.I. — 2.^a Parte — n. 673).

AÇÃO VIGOROSA CONTRA OS ORGÃOS DE FLANQUEAMENTO EXTERIOR, quando bem conhecidos.

AÇÃO SISTEMÁTICA com PROJÉTEIS FU-MIGENOS (vento favorável), se os locais destes órgãos são mal conhecidos.

PROTEÇÃO CONTRA OS PONTOS SUSPEITOS DE ARMAS ANTI-CARROS E CONTRA OS OBSERVATÓRIOS, quando a NEUTRALIZAÇÃO dos órgãos de flanqueamento exterior, puder ser confiada a CARROS DE COMBATE.

(1) A partir do momento em que toma pé na localidade, o INFANTE NÃO DEVE CONTAR COM O APOIO IMEDIATO DO ARTILHEIRO.

As razões são as seguintes:

- 1.^a — o APOIO A VISTA não é mais possível;
- 2.^a — o APOIO A HORÁRIO é um processo contra-producente porque pode impedir ou perturbar a infantaria na CORRIDA PARA AS SAÍDAS OPOSTAS;

3.^a — Finalmente, O APOIO COM LEVANTAMENTO DOS TIROS A PEDIDO DA INFANTARIA, único processo TEORICAMENTE admissível, é arriscado porque a fumaça e a poeira produzidas na localidade bombardeada, podem impedir que o artilheiro veja o SINAL FEITO PELO INFANTE.

— Como vimos no parágrafo anterior, o emprego dos carros leves pode servir para ATENUAR este inconveniente.

Em suma, verificamos que, NA EXECUÇÃO DO ATAQUE, a ação da artilharia, além dos fogos iniciais de pequena duração feitos contra as ORLAS FRONTAL E LATERAIS, reveste a forma de ENJAULAMENTO DE FOGOS, NO INTERIOR DO QUAL OPERA O CONJUNTO INFANTARIA-CARROS.

II — ENGENHARIA

Não podíamos terminar este estudo teórico, sem aludir à engenharia, cujo auxílio prestado à infantaria, é precioso.

Colabora com esta arma NA REDUÇÃO DE RESISTENCIAS TENAZES REVELADAS NO INTERIOR DA LOCALIDADE, ATUANDO COM PETARDOS, MINAS E MATERIAL DE Parque.

Pois é sabido que a luta nas localidades muitas vezes se processa com dificuldades sensíveis, PALMO A PALMO, tais sejam a TEMPERA e a TÉCNICA DOS DEFENSORES.

De posse das noções teóricas indispensáveis ao estudo do ataque a uma localidade, abordemos o caso concreto (Anexo n. I desta 2.^a Parte) e um caso vivido (Tomada de CARENCY pela 70.^a D.I. francesa em 1915), com o objetivo de salientar DOIS PONTOS particularmente importantes:

1.^o — Nem sempre o desbordamento de uma localidade conduz à decisão imediata; necessário se torna ainda combinar o desbordamento com um ataque frontal.

2.^o — O desbordamento de uma localidade só é possível em terreno favorável e, mesmo assim, para sortir efeito, deve ameaçar diretamente o defensor. (Continua)